

**“FOOT-BALL” NA AREIA E BANHOS DE SOL
NO RIO DE JANEIRO (1917-1940)**

Paulo Donadio¹

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro, Brasil

donadiobaptista@gmail.com

Recebido em 19 de agosto de 2010

Aprovado em 29 de setembro de 2010

Resumo

Este artigo associa o aparecimento do futebol de areia no Rio de Janeiro à grande inflexão dos costumes balneários catalisada pelo advento dos banhos de sol, a partir da 1ª Guerra Mundial. Apresenta a “Liga de Amadores de Foot-ball na Areia”, fundada na praia de Copacabana, e descreve as tensões – entre banhistas e jogadores, entre policiais e jogadores, entre jogadores do bairro e jogadores do morro, entre os próprios jogadores da LAFA – que caracterizaram os primeiros anos da experiência carioca nessa modalidade do esporte.

Palavras-Chave: futebol na areia; banhos de sol; costumes.

Abstract

Beach soccer and sunbath in Rio de Janeiro (1917-1940)

This article relates the emergence of beach soccer in Rio de Janeiro to the great shift in the sea bathing habits catalyzed by the advent of sunbathing, since World War I. It introduces the “Liga de Amadores de Foot-ball na Areia” (Amateur League of Beach Soccer), founded in Copacabana beach, and describes the tensions – between bathers and players, between police officers and players, between the neighborhood players and the *favela* players, among the LAFA players themselves – that marked the first years of the carioca experience in this modality of the sport.

Keywords: beach soccer; sunbath; customs.

¹ Mestre em História Social pela UFRJ, autor do blogue “Théo-Filho, o intelectual da praia – História balneária de Copacabana, 1925-1940”, disponível em <<http://theo-filho-paulo-donadio.blogspot.com>>.

Na segunda década do século XX, o “football”, ainda grafado à inglesa, era já uma mania brasileira. Campos, estádios e clubes se multiplicavam em solo pátrio. Partidas avulsas e torneios atraíam crescente número de praticantes e torcedores. As torcedoras enchiam as arquibancadas, virando elas próprias um dos atrativos do espetáculo desportivo. O jogo era assunto nos bondes, nas confeitarias, à porta dos cinemas, durante o “footing” da Avenida. Começavam nessa época os confrontos que desencadeariam eternas rivalidades entre vizinhos, cariocas e paulistas, brasileiros e uruguaios, brasileiros e argentinos. Na Capital Federal, clubes de futebol como o Fluminense se tornaram pontos de encontro da “elegância”. Não demorou muito para que surgissem clubes desportivos de empregados e operários, como o Bangu e o Andaraí. O exemplo era seguido por toda a gente, de alto a baixo da hierarquia social. Em 1919, um redator do *Jornal do Brasil* indagava: “Quem não viu ainda nas nossas ruas e praças meninos e adolescentes maltrapilhos a jogar com uma bola, ou mesmo um pé de meia recheado de panos velhos, um simulacro do football?”² A linguagem do “nobre esporte bretão”, criado pela elite social, havia sido incorporada pela nação, sem distinção de classe. Resistências – como o aparecimento de uma “Liga Contra o Football” – apenas assinalavam a vitória do jogo.³ Se o futebol era jogado por homens de todas as origens, nos estádios, sob o aplauso da assistência que pagava ingresso, e nas ruas, com bolas e traves improvisadas, o que faltava, então, para que fosse praticado nas praias urbanas do Rio de Janeiro?

A resposta a essa questão deve ser procurada na dinâmica própria da vida balneária. Até 1917, quando foram inaugurados pela Prefeitura os seis primeiros Postos de Salvamen-

² “Higiene para todos – Educação Física”. *Jornal do Brasil*, 11 maio 1919, p. 5.

³ Pesquisa de Leonardo Afonso de Miranda Pereira (2000) mostra como foi rápida a apropriação do “football” pela sociedade brasileira nas duas primeiras décadas do século XX.

to da cidade, em Copacabana, o que atraía frequentadores às praias cariocas eram os banhos de mar. Praticados por razões diversas, do recreio ao tratamento de saúde, os banhos de mar eram tomados, independentemente da finalidade, de manhã cedo e ao final da tarde.⁴ Os horários permitidos aos banhistas pela lei municipal, a que se atrelava o expediente do serviço de salvamento, variavam conforme a estação: “de 1º de abril a 30 de novembro, das 6 às 9 horas e das 16 às 18 horas; de 1º de dezembro a 31 de março, das 5 às 8 horas e das 17 às 19 horas”.⁵ Essa variação – que no verão afastava o banho das horas diurnas – correspondia precisamente àquilo de que fugiam os banhistas de então: o sol.

O costume era avesso à insolação, numa época em que o preconceito associava a tez bronzeada aos trabalhos braçais. O padrão de elegância vigente exigia a pele branca. As mulheres usavam pó-de-arroz e vestiam saias compridas, luvas, amplos chapéus e sombrinhas, enquanto os homens não podiam dispensar paletó e sobre-casaca.⁶ Era assim na Europa, de onde a sociedade brasileira importava suas noções de bom gosto e distinção social. Como ocorria nos balneários europeus, Nice, Deauville, Ostende etc., o que se procurava nas praias cariocas não estava sobre as areias nem sob o sol. A praia não era lugar para esportes que não fossem aquáticos.

⁴ Bert Barickman, em capítulos de livro inédito, refuta a difundida tese segundo a qual os banhos de mar no Rio de Janeiro até o começo do século XX teriam finalidade exclusivamente terapêutica, como se encontra, por exemplo, em Rosa Maria Barboza de Araújo (1995, p. 321).

⁵ “O posto de salvação de Copacabana foi ontem inaugurado”. *O Paiz*, 2 jun. 1917, p. 2. “A segurança de nossas praias – Inauguram-se hoje os postos de salvamento do Leme e Copacabana”. *A Noite*, 1 jun. 1917, c. “Decreto nº 1.143 de 1º de Maio de 1917” in *Coleção de Leis Municipais Vigentes* (1893-1925).

⁶ Segundo Nicolau Sevckenko (1999, p. 561), a orientação herdada do século XIX obrigava rapazes e moças a “preservar um tom pálido, macilento, funéreo, sinal de distinção daqueles que não precisavam trabalhar sob o sol”. Mônica Raisa Schpun (1999, p. 118) mostra como em São Paulo, a despeito da febre esportiva que varria o país, a brancura da pele persistia como padrão de beleza nos anos 1920. Roupas de banho de mar usadas no Rio de Janeiro da primeira década do século XX foram descritas por Gonzaga Duque (1997, pp. 96-98), Luiz Edmundo (1957, p. 837-838) e Francisco de Assis Barbosa (1967, p. 150).

O preconceito em relação à exposição solar, entretanto, entrava em cheque no final dessa década e início da próxima. As bases para uma inflexão tinham aparecido já no século anterior. O surgimento da vida esportiva aproximava as famílias burguesas da vida ao ar livre. Defensora dessa atitude, a medicina descobria, a partir dos estudos em radiologia, a importância dos Raios UV no metabolismo da vitamina D. Por outro lado, em oposição à visão acinzentada das metrópoles industriais, surgia um gosto pela paisagem ensolarada, expresso na pintura impressionista.⁷ Mas, o que catalisou o aparecimento da estética do sol foi, estranhamente, a guerra. Em meio à ruína escura e fria do front europeu, durante a recente “grande guerra” (1914-1918), os homens sonhavam com o calor dos paraísos tropicais, que as revistas ilustradas e os cartões postais faziam circular. Diante da imagem de corpos dilacerados e mutilados, em escala inusitada, pela tecnologia da guerra, a reação foi, por contraste, uma valorização da juventude, da saúde e da natureza. A exibição dos corpos, jovens e saudáveis, fortalecidos pela prática dos esportes ao ar livre, simbolizava o esforço de renovação que a humanidade buscava. O bronzeamento da pele constituía a marca material dessa nova disposição.⁸

Em 1923, a moda se incumbiu de vulgarizar os banhos de sol. Até então, a aplicação de raios solares não passava de mais uma curiosa invenção científica.⁹ Agora, porém, a novidade se apresentava como um desejo de consumo, desencadeado pelo exemplo dado

⁷ Em busca da “Natureza banhada em sol”, lembra Ingo Walther (2001, p. 21), Van Gogh partiu para a Provença, em 1888, e Paul Gauguin, para o Taiti, em 1891.

⁸ Lena Lencek e Gideon Bosker (1999, pp. 197-206) sustentam a tese da guerra como catalisador do aparecimento do gosto pelos banhos de sol com base em fontes literárias. Também referem, em relação à experiência balneária da Europa e dos Estados Unidos, a dominância da heliofobia e do preconceito de classe associado à cor da pele, no século XIX (p. 200).

⁹ Em 1922, Mme. Franco Sá de Sampaio, de volta de Atlantic City, Estados Unidos, contava ter visto um “pier” com várias “cadeiras e bancos para repouso e cura de ar marítimo e banho de sol”. “As nossas praias de banho – Por que não teremos nós, também, os *piers*?”. A Noite, 3 abr. 1922, edição especial, p. 6.

por algumas celebridades, que chegaram a Paris queimadas de sol, de volta das férias de verão na Riviera.¹⁰ A adoção da moda do banho de sol ocorreu rapidamente, com a velocidade exigida pelo espírito modernista do século do cinema e do automóvel. A praia ganhou um novo interesse.

Ora, o banho de sol surgiu na Europa, em países de clima temperado, que tinham construído suas metrópoles afastadas do litoral, distantes das praias para onde seus habitantes podiam ir, em busca de bronzamento, apenas durante as estações de veraneio.¹¹ No Brasil, ex-colônia de clima tropical, do tamanho de um continente, incrustado de cidades costeiras e batido de sol praticamente o ano todo, o impacto dessa inovação podia ser bem maior.

Nessa década em que se comemorava o Centenário da Independência, a capital brasileira continuava a tomar Paris como modelo de civilização. Depois das obras de urbanização e saneamento, de Pereira Passos a Carlos Sampaio, o Rio de Janeiro tinha se livrado da fama de porto insalubre que matava os visitantes de febre-amarela.¹² A cidade ostentava, orgulhosa, as suas avenidas e novas edificações, imagem do progresso. A zona sul concentrava as habitações das famílias de posses, confirmando uma tendência observada desde a segunda metade do século XIX.¹³ O Flamengo, com o “footing”, o “corso” de automóveis e os banhos de mar, era o bairro de referência da crônica mundana, no início dos anos 20.

¹⁰ Lencek e Bosker (1999, p. 203) mencionam a estilista Coco Chanel e o príncipe Jean-Louis de Faucigny-Lucinge entre as celebridades que iniciaram a prática dos banhos de sol.

¹¹ Descrevendo a vida praiana européia no século XX, John Walton (2000, pp. 99-100), na Inglaterra, e Jean-Didier Urbain (2002, pp. 188-189), na França, mostram-se econômicos na referência ao aparecimento dos banhos de sol quando comparados com Lena Lencek e Gideon Bosker, autores norte-americanos.

¹² Descrevem as contribuições para o saneamento da cidade deixadas pelas gestões de Pereira Passos e de Carlos Sampaio, respectivamente, Jaime Benchimol (1990) e Carlos Kessel (2001).

¹³ Nas três primeiras décadas do século XX, conforme Mauricio Abreu (1987, pp. 60-78), a elite social avançou na delimitação da zona sul do Rio de Janeiro como sua área residencial, distinta das áreas proletárias.

Mas as atenções dos cariocas já se voltavam para Copacabana, a nova fronteira de expansão da cidade, recém-aberta pelos túneis e trilhos dos bondes elétricos. No biênio 1922-23, inauguraram-se o balneário do Lido e o Copacabana Palace Hotel. Entre a Avenida Atlântica e as montanhas, havia já não mais um extenso areal, mas todo um bairro de casas e palacetes.¹⁴

O advento dos banhos de sol colheu Copacabana no princípio de sua ascensão como lugar da moda. A praia oceânica tinha uma grande vantagem sobre as praias do Flamengo e do centro da cidade. Em contraste com estas, estreitas e exíguas, Copacabana apresentava uma generosa faixa de areia, de cerca de quatro mil e duzentos metros de extensão.¹⁵ Era perfeita para o novo programa balneário, que consistia em permanecer na praia, independentemente do mergulho no mar. Logo Copacabana se tornou o território por excelência dos banhos de sol no Rio de Janeiro. Com a adoção do novo hábito solar, os banhistas conquistaram preciosas horas diurnas para aproveitar a praia. Em 1927, o horário do serviço de salvamento se estendia às 11 da manhã e ainda assim não dava conta da crescente população que demandava os banhos.¹⁶ No rastro dessa inflexão, ganharam importância os divertimentos sobre as areias, especialmente os jogos esportivos. Por esse ano, já se praticavam em Copacabana o “foot-ball”, o “voley-ball” e a peteca.

A introdução desses jogos nas areias era problemática. Nos domingos de sol, quando a praia era procurada por uma multidão de freqüentadores, jogadores eventualmente podiam incomodar banhistas. Uma bola perdida sempre corria o risco de acertar uma crian-

¹⁴ O crescimento de Copacabana nas três primeiras décadas do século XX se baseou em investimentos do poder público e de grandes capitais privados, segundo Elizabeth Dezouart Cardoso *et Alli* (1986, pp. 43-52).

¹⁵ Aspectos históricos topográficos das praias cariocas são descritos por Claudia Gaspar (2004).

¹⁶ “O serviço de socorros balneários da praia de Copacabana – A iniciativa do intendente Clapp Filho, no Conselho, sobre o importante assunto”. *Beira-Mar*, 7 ago. 1927, p. 1.

ça ou uma senhora. Naquela época, a praia era seccionada em trechos distintos, cobertos pelo serviço de socorro, demarcados por bandeirinhas, a que correspondiam os seis postos de Copacabana, onde se concentravam os banhistas. Assim, desde logo se estabeleceu uma diferenciação entre o jogo de bola praticado dentro dos postos de salvamento e o futebol jogado fora desses limites. Aqueles que jogassem bola nos postos eram tratados pelos praianos como “grupos de desocupados, fantasiados de banhistas”, inconvenientes “players de maillot”, comparáveis aos “malandros” que, nas ruas do bairro, jogando bola, gritavam palavrões e quebravam as vidraças da vizinhança.¹⁷ Longe dos postos, porém, sem que ameaçasse “a integridade física dos passantes”, o futebol era não apenas tolerado, como incentivado.¹⁸ Era possível mesmo se encontrar “no exercício do *foot-ball* praticado na areia o esporte mais poderoso para o desenvolvimento físico da nossa inteligente mocidade”.¹⁹

Em 1927, apareceu talvez a primeira organização dedicada a essa modalidade do futebol no Rio de Janeiro, a “Liga de Amadores de Foot-ball na Praia”. Tinha sede na residência de um dos sócios, Milton Guimarães. No ano seguinte, reapareceu como “Liga de Amadores de Football na Areia”, presidida por João Guimarães, que contava com ajuda de outros “players”, Franklin Bastos, Mario Guimarães, Gilberto Menezes e Antonio Atem. Em 1929, sob a presidência de Sylvio Azevedo, a LAFA estava sediada no palacete do “Praia Club”, no Posto 4.²⁰ Às vezes, suas reuniões se realizavam na redação de *Beira-Mar*, na praça Serzedelo Correia.²¹ Esse era o órgão de imprensa local, fundado pelo empresário

¹⁷ “As falhas da “CIL””. *Beira-Mar*, 3 jul. 1927, p. 1; “Banhistas... para “football””. *Beira-Mar*, 6 de out. 1929, p. 8; “A vadiagem e o futebol nos logradouros públicos”. *Beira-Mar*, 13 abr.1930, p. 1.

¹⁸ “Atlantiquemos Copacabana”. *Beira-Mar*, 6 nov. 1927, p. 3.

¹⁹ “Foot-ball na praia”. *Beira-Mar*, 18 set. 1927, p. 8.

²⁰ “O que foi e o que é o football na areia, sport predileto da mocidade do nosso bairro”. *Beira-Mar*, 27 out.1929, edição de aniversário, p. 51.

²¹ “Liga de Amadores de Foot-ball na Areia”. *Beira-Mar*, 11 abr. 1929, p. 6.

Manoel Nogueira de Sá e editado pelo romancista Théo-Filho. Desde a criação da Liga, o jornal praiano passou a apoiar o futebol na areia, abrindo a coluna *Sports* para a divulgação dos torneios, dos comentários dos jogos e das convocações para os trabalhos da entidade.

Vivia-se o tempo da Copacabana familiar, das casas e palacetes. A vida no bairro era animada pela programação festiva dos clubes praianos, o “Praia Club” e o “Atlântico Club”. Essas agremiações, sediadas em ricos palacetes na Avenida Atlântica, também promoviam a prática de esportes na praia e tinham seus próprios “teams”. A maior parte dos times filiados à LAFA, porém, não estava organizada em clubes. Eram equipes formadas pela rapaziada da praia, identificadas pelo trecho freqüentado: Posto I, Posto II, Posto III, Posto IV e Posto VI. Do bairro ao lado, Ipanema, estavam associados o “Arpoador Club” e o Posto VII. Às vezes apareciam times com nomes divertidos, como o “Bloco dos Tatu-hys”. Todos eram formados por dignos representantes da “mocidade esportiva de nosso lindo e aristocrático bairro”.²²

Tendência semelhante se observava no outro lado da baía de Guanabara, em Niterói, capital fluminense. No final da década de 20, “nas duas extremidades da praia” de Icaraí, “o jogo bretão” era praticado por equipes “compostas exclusivamente de rapazes de nossa alta sociedade e do mais fino convívio familiar”.²³ Em 1930, um “Torneio Initium de Football na Areia” era promovido pela “LEA (Liga de Esportes na Areia)”.²⁴ Esse ano, também foram disputados jogos amistosos entre times de Icaraí e Copacabana. Em Niterói como no Rio, os “players” eram amadores e praticavam o esporte por diversão.

²² “Sports”. Beira-Mar, 4 set. 1927, p. 10; “Praia Club”. Beira-Mar, 2 out. 1927, p. 10; “Sports”. Beira-Mar, 11 ago. 1929, p. 6; “Sports”. Beira-Mar, 29 set. 1929, p. 6.

²³ “Demos vida às praias!”. Beira-Mar, 29 set. 1929, p. 4; “O domingo da praia”. Beira-Mar, 6 abr. 1930; “O domingo da praia”. Beira-Mar, 13 jul. 1930, p. 6.

²⁴ “Foot-ball em Icaraí”. Beira-Mar, 3 ago. 1930, p. 8.

Em Copacabana, o Posto VI aparecia como campeão invicto de um torneio organizado pela Liga em 1927.²⁵ Mas nem sempre era possível se apontar com precisão o melhor time da praia. Não raro, os torneios eram interrompidos sem vencedor. Como ocorria no futebol amador praticado nos campos, as brigas eram comuns no futebol jogado na areia. A LAFA tentava punir os brigões com pena de suspensão. Mas, por esse e outros motivos, muitos times largavam a entidade. Os campeonatos se esvaziavam e a Liga, sem contribuições, encerrava suas atividades.²⁶

Théo-Filho, editor de *Beira-Mar*, apólogo da vida praiana em Copacabana, preocupava-se com essa tendência ao desencadeamento da violência no futebol de areia. No começo, segundo ele, as competições se realizavam “debaixo de uma disciplina completa, a par do sadio entusiasmo de inúmeros apreciadores e adeptos”. Prova disso era que “o elemento feminino acudia, em massa, ao local das pugnas, que terminavam sob o silêncio, bem que contrafeito, do vencido, e a respeitosa alegria do triunfador”. Agora, porém, esse comportamento decoroso era substituído por “discussões, berros, indelicadezas...” que terminavam invariavelmente em briga, espantando “as famílias”.²⁷ A elegância – que devia pautar a conduta da rapaziada do “nosso aristocrático bairro” – estava desaparecendo, por motivos que o observador pessimista não chegava a discutir.

A despeito de todas as dificuldades, contudo, a LAFA ressurgia todo ano, com a organização de um novo campeonato. Em 1930, o “Torneio Início” foi conquistado pelo

²⁵ “Rivalidade entre os postos”. *Beira-Mar*, 18 dez. 1927, p. 12.

²⁶ “Teremos campeonato de football na praia?”. *Beira-Mar*, 24 fev. 1929, p. 5; “O que foi e o que é o football na areia, sport predileto da mocidade do nosso bairro”. *Beira-Mar*, 27 out. 1929, edição de aniversário, p. 51; “Na LAFA”. *Beira-Mar*, 6 de jul. 1930, p. 1; “Penalidades impostas pela LAFA”. *Beira-Mar*, 10 ago. 1930, p. 10. No futebol jogado entre os grandes clubes nos estádios, também se desencadeavam brigas entre os jogadores em campo, como observa Pereira (2000, p. 129)

²⁷ “A hora que anda sempre errada e o jogo de bola na praia”. *Beira-Mar*, 5 out. 1930, p. 1.

“Sport Club Posto 3”. Ao mesmo tempo, apareceu uma “Associação Juvenil de Esportes da Areia”, a AJEA, e já se falava numa “Federação de Amadores de Football na Areia”. Com a crescente demanda, a LAFA, expandindo suas atribuições, organizou um torneio de vôlei. No meio do ano, uma nova diretoria havia tomado posse: João Vieira, presidente; Antonio Atem, vice-presidente; Roberto Marinho, secretário; Alfredo Blum Sobrinho, tesoureiro.²⁸ Aparentemente, tudo corria bem... quando estourou a Revolução.

O futebol de areia e o banho de sol no Distrito Federal estiveram entre as grandes vítimas da Revolução de 30, em seus primeiros tempos. Com a chegada dos tenentistas ao poder, Getulio Vargas, na formação do governo provisório, trouxe para a chefia de polícia do município do Rio de Janeiro, cargo tradicionalmente nomeado pelo presidente da República, seu correligionário Batista Luzardo. O novo xerife, no clima de ditadura que se instaurou, promoveu uma rigorosa campanha de repressão aos banhistas.²⁹ Na tradição balneária, era comum o aparecimento da polícia de costumes nas praias, durante a “estação estival”, para uma fiscalização do vestuário usado no banho de mar, atendendo às queixas dos setores moralistas da sociedade. O que o chefe de polícia revolucionário fez, entretanto, não tinha precedentes na história. Pelo costume, aos banhistas era desaconselhado andar fora das praias em roupas de banho sem roupão. Agora, no verão de 1931, eles estavam proibidos de despir o roupão mesmo sobre as areias. Pela lei, o horário dos postos de salvamento de Copacabana terminava às onze horas, mas muitos banhistas, em busca do banho de sol, costumavam permanecer na praia. Agora, eles eram instados pelos guardas a sair, numa

²⁸ “Liga de Amadores de Foot-ball na Areia”. Beira-Mar, 18 maio 1930, p. 10; “Sports”. Beira-Mar, 1º de jun. 1930, p. 8; “A sensacional manhã esportiva do dia 14, no posto IV”. Beira-Mar, 20 jul. 1930, p. 12; “Na AJEA”. Beira-Mar, 17 ago. 1930, p. 8; “A LAFA tem nova diretoria”. Beira-Mar, 31 ago. 1930, p. 10; “Federação Atlética de Foot-ball na Areia”. Beira-Mar, 28 set. 1930, p. 10.

²⁹ Lucia Silva (2003) estudou a repercussão dessa inusitada campanha na imprensa carioca durante o verão.

inusitada operação de evacuação balneária. Baseadas em antigas leis municipais, as autoridades ameaçavam prender ou multar em 20 mil réis os infratores. Produziu-se, então, um “descenso do movimento nos banhos de mar” em pleno verão. “A polícia está matando as nossas praias” – denunciava o editor de *Beira-Mar*.³⁰

Sob a tirania de Batista Luzardo, o futebol na areia desapareceu de Copacabana. Era impossível jogar bola de roupão! Ora, o que estava em questão não era a prática do futebol, contra o qual a Revolução a princípio não se opunha, mas o modo como se praticava esse esporte na praia. Com a voga dos banhos de sol, os praianos criaram o costume de jogar sem camisa, ou com “a camisa arriada”.³¹ Esse procedimento era o alvo principal da campanha moralista da ditadura, que não podia tolerar tais manifestações públicas de “nudismo”. Insatisfeitos, os jogadores ficaram sem o seu divertimento preferido. Aos filhos das famílias abastadas de Copacabana restava ainda a opção de pegar suas “baratinhas”, como se chamavam os automóveis, e ir jogar futebol sem camisa lá na praia da Gávea, então areal distante, longe da vigilância da polícia.

Somente em 1932, quando Luzardo saiu do governo, a praia voltou ao padrão de costume. Retornaram os banhos de sol e o futebol. A LAFA, reunida outra vez, conseguiu junto ao novo chefe de polícia, capitão João Alberto, “o restabelecimento do foot-ball na areia, fora dos Postos de banho”.³² No final do ano seguinte, quando a chefia de polícia era exercida pelo capitão Felinto Muller, os praianos, jogadores e banhistas, obtiveram uma importante vitória. Numa nova portaria, a autoridade determinava “aos delegados dos dis-

³⁰ “A guerra aos calções de polegada”. *Beira-Mar*, 18 jan. 1931, p. 1; “A campanha contra os banhistas”. *Beira-Mar*, 8 fev. 1931, p. 5; “O descenso do movimento nos banhos de mar”. *Beira-Mar*, 8 mar. 1931, p. 1.

³¹ “Nudismo”. *Beira-Mar*, 25 jan. 1931, p. 5.

³² “Reaparecerá a Liga de Futebol na Areia”. *Beira-Mar*, 30 abr. 1932, p. 8; “Liga de Amadores de Foot-ball na Areia”. *Beira-Mar*, 11 jun. 1932, p. 10.

tritos, em cuja jurisdição existem praias de banho, que não permitam, fora dos limites das mesmas, pessoas sem camisa ou com esta abaixada”.³³ Nesses termos, os homens estavam oficialmente autorizados a andar de torso nu em público, desde que nos domínios da praia. A mesma instrução também tornava lei a proibição do esporte na areia dos postos de salvamento.

À presidência da “Liga de Amadores de Foot-ball na Areia” tinha voltado João Guimarães, que, além de “player” amador, era poeta, jornalista e redator esportivo de *Beira-Mar*. O jornal praiano funcionava como um aliado fundamental da Liga, abrigando suas reuniões e fazendo o papel de porta-voz. Em 1932, o semanário tinha oferecido “uma medalha ao recordista de goals” da temporada. Em 1934, colocou em disputa a “Taça Beira-Mar”. No ano seguinte, lançou o concurso “Qual o elemento de mais destaque da LA-FA?”.³⁴ Esse estímulo, entretanto, não lograva socorrer o futebol na areia, incapaz de superar suas velhas dificuldades. As brigas, como sempre, interrompiam as partidas e os campeonatos não chegavam ao fim. Todo ano, nessa década, a entidade se dissolvia para o surgimento de uma nova Liga.³⁵

Muitos dos antigos times de Copacabana se apresentavam agora como clubes: “Posto I F. Club”, “Posto IV F. Club” etc. Novas agremiações também surgiram: o “Estrela F. Club”, o “Águia”, o “Guanabara F. Club”, o “Guarany F. C.”, o “Atlético Club Posto 3” e o

³³ “Atenção, Srs. Banhistas!”. *Beira-Mar*, 9 dez. 1933, p. 12.

³⁴ “Beira-Mar” oferecerá uma medalha ao recordista de goals no campeonato de foot-ball na areia deste ano” *Beira-Mar*, 13 ago. 1932, p. 2; “Continua em disputa a taça “Beira-Mar””. *Beira-Mar*, 25 ago.1934, p. 8; “Sports”. *Beira-Mar*, 13 jul.1935, p. 6.

³⁵ “Foot-ball na areia – Um novo campeonato em Copacabana”. *Beira-Mar*, 16 set. 1933, p. 8; “Foot-ball na praia”. *Beira-Mar*, 5 maio 1934, p. 8; “A fundação de uma nova Liga de Foot-ball na Areia”. *Beira-Mar*, 8 set. 1934, p. 8; “Foi dissolvida a L.F.A. para a formação da L.A.F.A.”. *Beira-Mar*, 11 maio 1935, p. 11; “sports”. *Beira-Mar*, 26 set. 1936, p. 8; “Sports”. *Beira-Mar*, 9 jan. 1937, p. 6; “Em franco progresso a Liga de Football na Areia”. *Beira-Mar*, 2 abr. 1938, p. 9.

“Barroso Atlético Club”. Um deles, o “Lá Vai Bola”, tinha sede própria.³⁶ Apesar do fracasso dos torneios da LAFA, o futebol na praia ganhava crescente número de adeptos. O jogo de bola na areia, jogado por divertimento, acompanhava a tendência de ascensão dos recreios balneários no Rio de Janeiro, sob a égide dos banhos de sol.

Em 1936, apareceu um “Código Sportivo da LAFA”: em meio às brigas, havia necessidades disciplinares.³⁷ Foi nessa época que se consignou o inverno, ou as estações fora do verão, como a temporada de jogos e campeonatos de futebol nas praias. Essa medida se impôs mais por ordem da polícia do que pela vontade dos “players”. No verão, Copacabana ficava cheia e era razoável que a prioridade da praia pertencesse aos banhistas.

Nesses dez anos, o bairro praiano havia se transformado no lugar mais procurado do Rio de Janeiro. Sua população crescia a uma velocidade quatro vezes maior que a da cidade inteira.³⁸ Desde o fim da década anterior, uma erupção de prédios de concreto armado – “arranha-céus” de dez a doze andares – se produzia por todo território, do Leme ao Posto VI. A Copacabana “aristocrática” dos palacetes aos poucos era substituída por uma crescente massa de classe média em busca de apartamentos.³⁹ Na praia, com o novo costume do sol e a ampliação dos horários de banho, a frequência de banhistas se multiplicou, como indicava o trabalho redobrado do serviço de salvamento municipal nos domingos ensolarados de verão.⁴⁰

³⁶ “No Leme... do barco”. Beira-Mar, 9 set.1933, p. 3; “Sports”. Beira-Mar, 7 out. 1933, p. 8; Sports”. Beira-Mar, 27 jan. 1934, p. 8; “Sports”. Beira-Mar, 2 ma. 1935, p. 10; “Torneio interno do Lá Vai Bola”. Beira-Mar, 14 dez. 1935, p. 8.

³⁷ “Aprovado o Código Sportivo da LAFA”. Beira-Mar, 16 maio 1936, p. 8.

³⁸ A população de Copacabana cresceu saltou de 22.761 habitantes em 1920 para 74.133, em 1940, enquanto a do Distrito Federal nesse período subiu de 1.147.599 para 1.759.277, conforme Abreu (1997, pp. 80 e 109).

³⁹ Cardoso *et Alli* (1986, pp. 164-168) descrevem o aparecimento dessa nova arquitetura.

⁴⁰ Para um esboço da história dos postos de salvamento municipais no período estudado: Paulo Donadio (2009), principalmente capítulos 31, 39, 73 e 79.

A superlotação da praia de Copacabana já era percebida como um problema nos anos 30. Banhistas e jogadores de bola disputavam espaço sobre as areias, mesmo fora dos postos de salvamento. O futebol dos times da LAFA, jogado no inverno, não incomodava os praianos. Mas, a mania do futebol – misturada à nova mania da praia – contagiava uma população bem maior que esse círculo de rapazes pertencentes às distintas famílias. No final dessa década, aumentava o volume de reclamações contra os esportes na areia. Às vésperas do verão de 1940, o editor de *Beira-Mar* repercutia, talvez com um pouco de exagero, o ponto de vista dos banhistas de Copacabana:

O jogo de bola e de peteca pelos postos vai também tomando proporções alarmantes. Já as famílias mal podem e, às vezes, nem podem encontrar um cantinho onde tomar o útil banhozinho. A praia toda, quase toda, está invadida pelos reis da peteca, pelos bacharéis da bola. Não há mais zona neutra. Tudo é beligerante... Pior que na verdadeira guerra!⁴¹

Os jogos às vezes avançavam até a faixa lisa da areia, adjacente às ondas, atrapalhando a circulação dos banhistas. O futebol era o alvo principal das queixas, conforme se lia nos jornais. Majoy, uma cronista do *Correio da Manhã*, lamentava a presença de “desocupados” que estavam “tomando extensões da praia num jogo de pés e berros”.⁴² Esses “marmanjos”, segundo a redação de *O Imparcial*, incomodavam “meio mundo com a violência do jogo de bola em todos os postos de banho de mar”.⁴³ Até na pequenina praia da Urca, segundo reportagem do vespertino *A Noite*, o futebol afugentava as famílias.⁴⁴ No entanto, se não pertenciam aos quadros da LAFA, quem eram esses marmanjos desocupados que perturbavam a paz balneária?

⁴¹ “Coisas e coisinhas da praia...”. *Beira-Mar*, 9 dez. 1939, p. 1.

⁴² “Foot-ball”. *Correio da Manhã*, 17 ago. 1939, p. 2.

⁴³ “Proibição menosprezada”. *O Imparcial*, 9 nov. 1939, p. 4.

⁴⁴ “Nas praias”. *A Noite*, 2 nov. 1939, p. 4.

Beira-Mar deixava claro que se tratava de moradores dos morros, que daí desciam “aos magotes”, para ocupar a praia, “com ares de conquista”.⁴⁵ Descrevia-os como “essa malta de latagões e molecotes maltrapilhos e mal encarados”.⁴⁶ Nessa década, junto com o bairro, com a mesma velocidade vertiginosa, desenvolviam-se as favelas dos morros próximos: Babilônia, no Leme; Cantagalo, na Lagoa; e Dois Irmãos, no Leblon.⁴⁷ Aos habitantes dessas favelas a imprensa associava o aparecimento de uma quantidade crescente de pedintes e de pivetes, que assustava as praticantes do “footing” da Avenida Atlântica, nos fins de tarde de domingo. Apesar do movimento de caridade, relativamente forte nessa época em que o Estado não oferecia assistência social, a pobreza crescia na “Cidade Maravilhosa”.⁴⁸

Os editores do jornal praiano, expressando a perspectiva dos leitores, banhistas e moradores de Copacabana, reivindicavam polícia para a praia. Reclamavam que os raros guardas que apareciam na orla ficavam “lá no passeio, displicentemente a fumar o seu cigarro, conversando, indiferentes ao espetáculo de baixo”. Para desespero dos banhistas, alguns guardas chegavam ao cúmulo de assistir às partidas e a torcer “a favor de um ou outro club”.⁴⁹ A polícia, tão rigorosa na fiscalização dos banhistas na época da grande campanha de repressão, agora não se movia diante do flagrante abuso dos jogadores de futebol. O ímpeto inicial da Revolução havia esmorecido e a polícia já não se sentia tão à vontade para agir no bairro residencial preferido das elites. Ninguém garantia que em qualquer um

⁴⁵ “Os indesejáveis de Copacabana”. *Beira-Mar*, 26 fev. 1938, p. 2.

⁴⁶ “Cenas revoltantes nas praias”. *Beira-Mar*, 27 ago. 1939, p. 3. Muito antes de perturbar os banhistas nas praias, a presença de “desocupados” jogando futebol se multiplicava pelas ruas da cidade já na segunda década do século XX, como informa Pereira (2000, p. 132-133).

⁴⁷ “Manchas no mais belo cenário da cidade”. *Beira-Mar*, 19 maio 1934, p. 1. Cardoso *et Alli* (1986, p. 175) fazem referência à presença das duas primeiras desde pelo menos 1915.

⁴⁸ Tal como se queria o Rio de Janeiro na canção de André Filho, que já fazia sucesso em 1934.

⁴⁹ “Polícia de Praia”. *Beira-Mar*, 27 mar. 1937, p. 1.

desses times de “indesejáveis players praianos” não jogassem jovens moradores das melhores residências da Avenida Atlântica.⁵⁰ Como observava um redator do diário *A Notícia*, esses jogadores inconvenientes constituíam “malta promiscua de moleques e filhos de família, confundidos na mesma perigosa e estúpida brincadeira”.⁵¹ Nessas condições, os guardas permaneciam impassíveis diante do futebol ilegal porque tinham “receio de ouvir o clássico *you know com quem está falando?*”.⁵²

Jovens moradores dos morros, apoiados no exemplo dos filhos das classes elegantes, também demandavam divertimento e buscavam os benefícios proporcionados pela vida esportiva ao ar livre. As praias urbanas do Rio de Janeiro, próximas das favelas da zona sul, constituíam rara opção de diversão pública com acesso livre, sem cobrança de ingresso. O futebol, por sua vez, havia se tornado um jogo partilhado por toda a sociedade e seus praticantes ganhavam prestígio. Certamente, os garotos favelados não tinham vez nos “Football Clubs” e nos campeonatos dos garotos de classe média da LAFA, admitidos pela polícia, e acabavam por invadir areias próximas aos postos, cada vez mais concorridas, principalmente no verão. Mas o futebol, ao impor a sua lógica de jogo, abria um espaço de sociabilidade entre uns e outros, moleques do morro e filhos de família. A mistura de classes favorecia os pobres, na medida em que os protegia da polícia nessas horas de diversão. Assim, com esse futebol na areia popular, jogado fora do programa da Liga, condenado pelos banhistas e pela imprensa, criava-se mais uma dessas práticas de ilegalidade consentida, como o jogo do bicho, produzidas no Brasil.

⁵⁰ “Providências que as praias reclamam”. *Beira-Mar*, 13 jan. 1934, p. 1.

⁵¹ “Bezas de Copacabana”. *Beira-Mar*, 9 dez. 1939, p. 6.

⁵² “Abusos que se eternizam em nossas praias”. *Beira-Mar*, 29 jun. 1930, p. 1.

Uma história de tensões sociais percorreu o aparecimento do futebol de areia no Rio de Janeiro. Jovens de classes diferentes às vezes se irmanavam na prática ilegal das partidas jogadas no verão. Banhistas, na sua estação preferida, entravam em conflito com esses jogadores que lhes usurpavam o espaço. A polícia, ao se omitir na repressão dos abusos, contribuía para perenizar a tensão. E os amadores da Liga, que jogavam dentro da lei, brigavam com tanta freqüência que mal conseguiam terminar seus campeonatos.

Esses problemas, porém, não impediram que o futebol na areia se estabelecesse. Essa modalidade do jogo desde então penetrou o costume carioca. Nos anos 40, os herdeiros da LAFA perderam um grande aliado com a extinção do semanário *Beira-Mar*. Por outro lado, ganharam uma alternativa de horário para suas partidas, com a inauguração da nova iluminação da Avenida Atlântica.⁵³ O futebol na areia, entretanto, não acompanhou, como se especulava na época, a tendência à profissionalização experimentada no futebol praticado nos campos.⁵⁴ O jogo de bola na praia funcionava como um laboratório auxiliar de onde a modalidade principal do esporte podia recrutar bons jogadores.⁵⁵ Assim, o jogo resistiu como brincadeira por muito tempo antes de se tornar negócio. Somente meio século depois o futebol de praia foi codificado e internacionalmente reconhecido, com a criação de uma entidade, a Beach Soccer Worldwide, que promoveu, a partir de 1995, os primeiros campeonatos mundiais, na praia de Copacabana.

⁵³ “Sports”. *Beira-Mar*, 4 mar. 1939, p. 11.

⁵⁴ “Haverá de fato profissionalização na areia?”. *Beira-Mar*, 2 abril 1938, p. 9. Nos anos 30, a profissionalização começava a dominar o futebol de campo (PEREIRA, 2000, pp. 255-302).

⁵⁵ Como depunha o redator esportivo do jornal praiano: “Nós, que sempre estivemos em contato com os players de Copacabana, não poderíamos em tais momentos deixar de exaltar os vultos de Murilo Vaz, Banana, Saboya, Zezinho, Mineiro, Formiga, Neném e Jaguaré, nomes que a gente recorda com saudade e que foram em Copacabana os precursores do foot-ball na areia. Agora, levantemos a vista para o sport nacional e veremos: Amado, Foca, Bicudo, Bouças, Victor, Pirica, Juca, Ivan, todos esses no foot-ball saíram de Copacabana.”: “A fundação de uma nova Liga de Foot-ball na Areia”. *Beira-Mar*, 8 set. 1934, p. 8.

A primazia brasileira na invenção do futebol na areia era já reivindicada no tempo da LAFA.⁵⁶ Na verdade, uma resposta a essa interrogação não pode ser dada antes que se escreva uma história comparada das diferentes experiências nacionais que esse jogo conheceu no passado. A questão da precedência, entretanto, talvez não explique por si só a expressiva vantagem brasileira nestas duas primeiras décadas de vigência do “beach soccer”.⁵⁷ Mais importante na compreensão desse fenômeno parecem ser as determinações sócio-históricas de um processo de mudança de costumes que ocorria em condições ambientais particulares. O Brasil não apenas se apropriou do futebol inventado pelos britânicos, como se apropriou da prática dos banhos de sol fundada na Europa. Nascida nos trópicos, a sociedade brasileira radicalizou a experiência praiana a partir da sua capital, tendo à frente Copacabana. Com respaldo no exemplo cosmopolita, jovens cariocas conquistaram a liberdade de se divertir sem camisa e se bronzear nas praias urbanas. Sem que houvesse uma inflexão global nos padrões sociais de apreciação da cor da pele e da semi-nudez dos corpos, ocorrida após a 1ª guerra mundial, não teriam se produzido as condições necessárias à gênese do futebol na areia.

⁵⁶ “Foot-ball noturno, foot-ball na areia, foot-ball na mesa”. *Jornal dos Sports*, 22 mar. 1931, p. 2.

⁵⁷ Das quinze competições mundiais, o Brasil conquistou o título de campeão em treze: nove dos dez Campeonatos Mundiais da Beach Soccer Worldwide (1995-2000 e 2002-2004) e quatro das cinco Copas do Mundo da FIFA (2006-2009). Disponível em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Copa_do_Mundo_de_Futebol_de_Areia>. Acesso em 2 de ago. de 2010.

Referências Bibliográficas

Periódicos

Beira-Mar

Correio da Manhã

O Imparcial

Jornal do Brasil

Jornal dos Sports

A Noite

O Paiz

Fontes Primárias

Coleção de leis municipais vigentes – 1893-1925. Rio de Janeiro: Henrique Velho & C., 1922/26, 3 volumes.

DUQUE, Gonzaga. *Graves & Frívolos*. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa / Sete Letras, 1997 (1910).

EDMUNDO, Luís. *O Rio de Janeiro do meu tempo*. Rio de Janeiro: Conquista, 1957 (1938).

Fontes Secundárias

ABREU, Maurício de A. *Evolução Urbana do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: IplanRio, 1997, 3ª edição (1987).

ARAÚJO, Rosa Maria Barboza. *A Vocaçãõ do Prazer – A cidade e a família no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Rocco, 1995, 2ª edição (1993).

BARBOSA, Francisco de Assis. “Um retrato de 1890” in REBELO, Marques (org.). *Brasil, Terra e Alma – Guanabara*. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1967.

BENCHIMOL, Jaime Larry. *Pereira Passos: um Hausmann tropical – A renovação urbana da cidade do Rio de Janeiro no início do século XX*. Rio de Janeiro: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 1990.

CARDOSO, Elizabeth Dezouart *et alli*. *História dos bairros – Memória urbana – Copacabana*. Rio de Janeiro: Index, 1986.

DONADIO, Paulo. *Théo-Filho, o intelectual da praia – História balneária de Copacabana, 1925-1940*. Rio de Janeiro, 2009. Disponível em <<http://theo-filho-paulo-donadio.blogspot.com>>. Acesso em 2 de ago. de 2010.

GASPAR, Claudia Braga. *Orla Carioca – História e Cultura*. São Paulo: Metalivros, 2004.

KESSEL, Carlos. *A vitrine e o espelho – O Rio de Janeiro de Carlos Sampaio*. Rio de Janeiro: Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, 2001.

LENCEK, Lena e BOSKER, Gideon. *The beach – the history of paradise on earth*. New York: Penguin Books, 1999 (1998).

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania – uma história social do futebol no Rio de Janeiro, 1902-1932*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

SCHPUN, Mônica Raisa. *Beleza em jogo – cultura física e comportamento em São Paulo nos anos 20*. São Paulo: Boitempo/Senac, 1999.

SEVCENKO, Nicolau. “A capital irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio” *in* NOVAIS, F. A (Org.). *História da vida privada no Brasil 3 – República: da Belle Époque à Era do Rádio*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

SILVA, Lucia. *Verão de 1930-31: Tempo quente no nos jornais do Rio*. Rio de Janeiro: Prefeitura da cidade do Rio de Janeiro, 2003. (8º v. Cadernos de Comunicação – Série Memória).

URBAIN, Jean-Didier. *Sur la plage – Moeurs et coutumes balnéaires (XIX-XX siècles)*. Paris: Éditions Payot et Rivage, 2002 (1994).

WALTHER, Ingo F. *Paul Gauguin 1848-1903 – Quadros de um inconformado*. Colônia: Taschen, 2001.

WALTON, John K. *Holidays and resorts in the twentieth century*. Nova York: St. Martin's Press, 1983.